

Todas as Cores do Amor



Adriana Aneli Costa

para vocês:

Adriana Elisa e Marina Bozzetto

eu cigana	04
quinze minutos	05
instante	06
brincadeiras	07
o que resta	08
ressaca	09
inevitável	10
todas as cores	11
o poema e o beco	12
cravo e rosas	13
o único momento	14
fantasia	15
amor	16
amizade	17
ensaio	18
consolação	19
quase sem querer	20
para ser mãe	21
a tua chegada	22
papeluchos	23
antes e depois	24

e
escrever é olhar-se no espelho

- perder-se -

é ver um rosto

olhos castanhos, aflitos

é apalpar com a língua

a língua do estranho

e ver nascerem flores nas sacadas

nas janelas fechadas finalmente se abrindo

escrever é chorar

pela última folha que cai

pela rosa entreaberta

pela música antiga

pelo pano molhado

pela infância perdida

escrever é ousado como ler no escuro

o livro impossível da vida

é amar é sonhar navegar

- navio -fantasma -

pelo véu xadrez da noite adulta

escrever é desafiar a mim mesma

romper a vida

brincar de cigana

e roçar a face num sopro de menino-deus.

e
u
c
i
g
a
n
a

Assista ao videoclipe da EU CIGANA banda Salamanrai no

<http://youtu.be/5pXjwVxYE2c>

q
u
i
n
z
e

m
i
n
u
t
o
s

Quinze minutos para um novo dia
quero esquecer as dores que não sejam novas
deixo a noite entrar pela janela como quem traz o tédio
como quem leva a vida
ando vagando pelo quarto sujo
cada momento é um concerto fúnebre
cada segundo é choro ritmado
(fecho os olhos turvos pra calar o tempo)
são quinze minutos: rebentam nos ouvidos
latidos gozos gritos
vozes da madrugada vozes de toda a vida
o meu corpo inteiro é um criado mudo
e meu coração, canção desesperada
amanheci um rosto que me é estranho
e, na pia, a louça ainda não foi lavada
vejo olhos noturnos num cavalo manco
há no corpo todo mãos que me dão nojo
vejo olhos cinzentos numa égua brava
há um casal que chora em camas separadas
quinze minutos como é todo dia!
quero esquecer as dores que já são antigas
ofereço a deus a nossa fome-inferno
dou a minha alma ao meu diabo-escravo
(vou tomar o vinho que não há na casa
após encher de sangue a taça já quebrada)
quinze minutos é retrato amargo
quinze minutos é o corpo faminto
quinze minutos não haverá mais nada...
nem sonho ou alma: a porta está trancada.

U m pouco de nós é loucura

um pouco estilhaço de vida

um pouco de nós é muralha:

é falha falsa difusa

um pouco de nós é ausência

é tarde é instante

um pouco é estar por aí

nas intenções e nos gestos

(ignóbil gesto, além)

um pouco de nós é tragédia

noutro tanto

a alegria desponta

e a alma luta reluta devora

um pouco ainda é coragem

paz

demora

cansaço

um pouco tem tanta inocência!

outro tanto é a infância perdida

vadia parte

verdade vazia

e os nossos poucos, tão poucos

despertam-se em fúria

porque tudo é sempre um grande ânimo

pesado ânimo

dentro de nós.

Cadê, bonequinha de pano

você, que deixei tão jogada? será que a perdi?
cadê seus olhinhos? mundo estranho, saudade
seu sorriso me abraçaria agora
bonequinha, estou triste
achar você parte de mim
deitar minha cabeça no seu colinho
me acariciar com suas mãozinhas
esquecer nossa dor antiga
onde a deixei? e ao que sou?
por que curva errada entrei me perdi
bonequinha que fui encardida e feia e feliz
onde estou?
nosso cabelo de lã, tão feinho!
ouvir nossa música me deixar no seu colo
costurar seu corpinho – tão bom!
será que se rasgou de novo, pequeninha?
será que me esqueceu?
vá, coração calado, bata forte como o meu!
somos as mesmas: somos costura e medo
tecido que se rasga quebra-cabeças que se perde
e mal sabemos gritar
quantas esperanças nas brincadeiras infantis
quando ainda sabíamos sorrir
éramos tão meninas quando a vida aconteceu!
hoje não sabemos contar a verdade e não devemos mentir
seus bracinhos macios sua voz imaginada
onde?
você, que pode me devolver para mim.

b
r
i
n
c
a
d
e
i
r
a
s

no fim do arco-íris outro dia
no fim de cada dia o caminho
no fim de cada espera um novo sonho
na dor de cada sonho a alma escrava
no fim de cada copo um novo trago
no fim de cada ato o fracasso
o mesmo humor corrói as engrenagens
o mesmo pó encerra o espetáculo
no fim de cada passo o cansaço
e de cada aventura um novo fôlego
o que sobra é sempre muito pouco
e da vida o que resta é quase nada
no fim de cada esquina o vazio
no fim de cada verso uma lembrança
em cada coração o mesmo espanto
e em cada espasmo, vã,
a esperança.

o

q

u

e

r

e

s

t

a

P

or que tenho que sair da cama?
por que colocar os pés cansados neste chão áspero?
abrem-se enormes as bocas dos lobos
mandíbulas ferozes me arrastam ao esgoto
a pior das derrotas é estar farta de tudo
do que penso e suponho
a farsa de todas as acusações esfaqueadas pelo corpo
eu me torno rude
enquanto o álcool me acolhe
respirar é cada vez mais difícil
fico muda aos olhos do algoz
muda
até a poesia se cala
da janela vejo o mar quebrando em silêncio
gritos infantis e barulho de tv são o ruído solene das
ondas
a solidão é convulsão e ressaca
o temor da loucura me traga
braços definitivos da morte
presto atenção aos olhos vivos das pequenas crianças
e de pronto enxugo as lágrimas de toda a vida
melhor é prosseguir.

r
e
s
s
a
c
a

tudo está quieto agora

tão terrivelmente quieto

que chega a assustar

tão quieto quanto o silêncio da carne

tão quieto

que todas as vozes me chegam aos ouvidos

um pouco de morte

a se por nas mãos frias

tudo quieto e sincero

um desejo de que nada se acabe

ou se transforme

- ou reaja

(o tédio é a única paz que conheço)

esqueci o que li

e o que escrevi se perdeu de mim

arrancaram-se as páginas

já não posso escapar do imenso conforto

da minha resignação.

i

n

e

v

i

t

á

v

e

l

a mor de todas as caras de todos os sonhos

retira do azul a tranquilidade da tarde

cor de todas as rosas se espalha

o segredo imposto à alma

- desespero sincero, estado de graça

ímpeto negro da consumação e do gozo, é a

revogação dos sentidos

incandesce o vermelho da entrega: desejo de todas as
cores

suave sol amarelo multicolorindo o vento... amar é
redescobrir a vida.

t

o

d

a

s

a

s

c

o

r

e

s

p

rocorei você em todos os ventos
que sopram distantes
- ou já sopraram
em todas as tantas bocas
quentes torpes rotas
entreabertas e loucas procurei
no roçar de pelos aflitos
nas lágrimas frias dos dias seguintes
na dor no nojo na náusea
nos porões poeira
entre sete becos sujos
no arrependimento e no soluço
procurei como se mais nada houvesse
faltava você
eu era a mudez do antigozo
a careta e a farsa
a estreia e a roupa rasgada
mas eu o sentia sob a luz das mil velas acesas
um desejo mexendo no ventre como nos falta o sangue
e a carne
foi preciso você soprar como o único vento
a suavidade da pele sob o vestido dos sonhos
bastou o olhar seu sorriso nossos lábios
para que toda a areia escorresse entre os dedos
fecundando arte com arte
estancou-se o sangue que era falso
ouvi de novo a voz da poesia
o universo desfez-se inteiro para reconstruir-se em mim
a origem.

o

p

o

e

m

a

e

o

b

e

c

o

a braço seu corpo como se me atirasse ao vento

um medo que é quase um tremor

colore a alma deste céu cinzento

ganho as asas do pássaro-risco da cor de seus olhos

é este o voo quando chega o naufrágio

a inquietude me domina

eu me transformo na luz do meio-dia

me desfaço

leve brisa que embriaga seu rosto

faço nascer de seu hálito cravos e rosas e astros

a inquietude me domina

e me transforma na luz do meio-dia

você brilha mais e mais forte

quase choro

quase me calo

quase me cego perante este amor.

c

r

a

v

o

s

e

r

o

s

a

s

V

ivo porque o momento existe
porque é preciso romper o infinito para ter você
respirar o perfume impossível
beber a rosa
beijar a boca a boca
sua boca meu amor
viver porque o momento exige
porque é preciso conquistar a montanha mais alta
lá se controla o tempo, lá se recria o vento
viver para mim para você
o tremor no corpo inteiro
o gozo que salta ri explode espalha
viver porque o momento
é este é isto aquilo tudo
viver porque o momento é você.

o

ú

n

i

c

o

m

o

m

e

n

t

o

teu olhar desperta em mim

o que jamais senti

a vida que nunca foi

o sentido que não foi dado

o sonho que não foi concebido

teu olha desperta em mim

o que deveria ter sido

corro atrás de cada imagem

poucas

pelos corredores

pelo escárnio

teu riso é fantasia

quanta faz perco agora ao te ver!

teu olhar agora... e agora?

f

a

n

t

a

s

i

a

a mo-te amo-te e ninguém saberá

amo-te por meio de versos

que me alimentam

devoro-te

cada pensamento é teu

surges perante meus olhos como um deus

eu me perco me afogo

ah, faz-me falta, como a vida!

tenho-te aqui tão perto e ninguém saberá

ninguém saberá por que o dia amanheceu mais fresco

todos verão sem entender

o seu azul mais intenso

o amor são flores renovadas.

a

m

o

r

a amizade não vem hoje não vem de ontem
mas é feita de cada gesto de cada palavra bendita
intuitiva sólida renovada
ganha força e dom
universo cuidadosamente construído
inconfessável no olhar que é trocado
nas mãos que se lavam no riso fácil no bilhete picado
há sempre um pouco de amor nisso tudo
a amizade é a grande alegria da vida.

a
m
i
z
a
d
e

e tudo era convite neste grande dia

como se pudéssemos alcançar a lua

e tudo era jogo neste dia insano

como se cada beijo derrubasse o muro

e tudo era brincadeira nesta breve vida

como se pudéssemos esperar um pouco

e tudo era promessa porque tudo é sonho

como se mais fácil fosse te amar assim

e tudo era medo neste dia escuro

como tropeçar a cada movimento

e tudo era ausência neste dia triste

como o futuro a desaparecer

e tudo era fim porque a vida é noite

não havia tempo para ser feliz.

e
n
s
a
i
o

e
stou nesta rua de algum tempo

nem sei quanto tempo

atrás

cemitérios ônibus flores

tudo é simples e real

sou a mesma

tirando o peso acumulado no corpo

e na alma

aflições tão diferentes

a dor exatamente igual

vale a pena continuar tentando?

c
o
n
s
o
l
a
ç
ã
o

de repente

abro os olhos e vejo o dia

muito mais claro

muito mais cedo do que eu temia

agora

eu faço a vida com a cor dos seus planos

junto os cacos do suor do gozo e da noite fria

fabrico um sonho só nosso

agora

brinco com a luz dos seus olhos

enquanto protejo com meu sangue

a nossa esperança - quase sem querer

agora me faço árvore

para colher o melhor dos seus frutos, nosso doce fruto

suave, pequeno e meigo que vem

escancarando a porta do paraíso.

q
u
a
s
e
s
e
m
q
u
e
r
e
r

p

ara ser mãe

é preciso sonhar sempre um pouco mais alto

é preciso estar acima dos gestos

semear risos e colher festa

é preciso enfrentar o que nunca foi dito

e nascer e nascer a cada dia

é preciso aprender o amor que te espera

e colher a bênção de Deus naquelas mãozinhas pequenas

é preciso acreditar que a vida é milagre

que o tempo é ligeiro

que a felicidade é fato

é preciso olhar nos olhos dele que chega

e sorver toda a força de que agora precisa

porque para ser mãe é preciso aceitar

que sua paz será feita de choros noturnos

e bibelôs quebrados.

p

a

r

a

s

e

r

m

ã

e

é o sol que invade quente o rosto marcado

suavizando toda necessidade que se tem

às vezes, de reiniciar os sonhos

de reinventar a vida

é a luz batendo na janela

espantando a noite fria

é o cinza, transformado em cores

das novas cores da alegria

é o amor

aquecendo o corpo, franzino e tenso

abrindo todas as flores

da solidão e do medo

a tua chegada

é o amor

é o complemento natural do que somos

e a esperança em tudo o que temos de novo

é o amor

é o caminho aberto aos pés cansados

é a mãozinha quente inaugurando tudo de novo

é o amor

com o cheiro bom, sempre bom de vida.

Ouçã a música A TUA CHEGADA da banda Salamanrai no

http://www.reverbNation.com/salamanrai/song/629341-a-tua-chegada?fb_og_action=reverbNation_fb%3Aunknown&fb_og_object=reverbNation_fb%3Asong&utm_campaign=a_public_songs&utm_content=reverbNation_fb%3Asong&utm_medium=facebook_og&utm_source=reverbNation_fb%3Aunknown

a

t

u

a

c

h

e

g

a

d

a

a poesia perdeu o foco

perdeu a guerra, a dor, o pranto

a poesia perdeu o encanto

no canto desmoronado do tempo

a poesia perdeu a vontade

e a custo escondida

disfarçou-se em sonhos tristes

no sorriso da menina

a poesia esqueceu o discurso

inflou o peito, mordeu a língua

desdisse a própria esperança

e foi dormir aborrecida

a poesia rolou a escada

bateu no salto dos sapatos

correu a guia em papeluchos

esgarçou-se atordoada

a poesia ficou proibida

desonrada, esquecida

e diante de tantos problemas

a poesia perdeu seu tema

agora acena acena acena.

p

a

p

e

l

u

c

h

o

s

antes a vida era quente e boa

nascia com a vontade do sol

e se abraçava comigo por qualquer canto

depois era torrente e fria

desabava-me sobre a cabeça

fúria da tempestade que fustiga embarcações

então o que era antes o que era depois

viraram nada

o nada devorou o tudo

a vida não resistiu mais.

a

n

t

e

s

e

d

e

p

o

i

s

edição especial para e-book

2015